

Contos
da
Fada em Do Maior



Livro de
José Ramon Rodríguez (Moncho de Fidalgo)

Disponível no boletim de encomendas

RENOVAÇÃO EDIÇÕES

Gralha

Gralha
estivo ali:
Cuba
Festival da Juventude
Lyon
Caravana
Lisboa
Festa do Avante

Nº 18. OUTUBRO, NOVEMBRO 1997

PERIÓDICO BIMESTRAL GRATUITO

APARTADO 678. 32080 OURENSE

Próximas negociações em Timor Leste

Está finalmente instalado um verdadeiro ambiente de negociações em torno do problema de Timor. Mas para coalhar definitivamente exige maiores responsabilidades por parte de todos os participantes no processo.

As ondas de choque provocadas pela atribuição do prémio Nobel da Paz começam agora a fazer-se sentir. Depois de umha manifestação de vontade da Noruega em contribuir para umha solução negociada surgiu a iniciativa do presidente Nelson Mandela. Além disso, o Secretário Geral da ONU, Kofi Annan, nomeou um representante especial para acompanhar o problema de Timor Leste. Nem há dúvida, pois, de que esta meia-ilha ignorada pela comunidade internacional durante mais de duas décadas, se tornou umha questão suficientemente importante para que se sucedam assim as ofertas de mediação.

O impacto destes gestos também tem repercussões na Indonésia. De um problema «sem importância», apenas alimentado por espíritos «malévolos» que no mundo ocidental queriam prejudicar os interesses de Jacarta, tornou-se há alguns anos «umha pedrinha no sapato» (no dizer do ministro indonésio Ali Alatas) e, agora, um pedregulho que é preciso remover. Mas há variados problemas a considerar e muitos interesses em jogo. **PÁGINA 6**

Fazendo país com o próprio compromisso

Na Galiza tem problemas quem se move para defender o que é seu, quem exige os seus direitos, quem não participa do poder estabelecido... o problema da repressão é humano e social. **PÁGINA 4,5**

«Caravane des quartiers» virá a Compostela

Um projecto multicultural e multiracial onde se misturam música, circo, teatro, e as mais diversas manifestações artísticas.

A «Caravana dos bairros» estará com nós da mão de Manu Chão em Julho de 98. Coincidindo com o Mundial de Futebol o lugar eligido é Compostela. **PÁGINA 8**

Se volta a oportunidade, colherei as armas da dialéctica

Neste titular resume-se o actual sentir de Ramon Lopes-Suevos, desencantado com a política actual, vê como muitos dos que estavam com ele nos anos 70 e 80, agora desfrutam dos benefícios do poder renunciando a postulados e fazendo concessões, das quais muitas seriam impensáveis há pouco. No meio dumha campanha eleitoral como a que vivemos, botam-se de menos vozes críticas que ponham a cada um no seu lugar. Botam-se de menos pensadores e gentes que não se deixem levar pelas correntes de mediocridade, gentes que com os seus critérios possam aportar novas focagens ao complicado mundo da política e sociedade galegas.

Ramon Lopes-Suevos, professor de estrutura económica da Universidade Compostelana e autor de numerosos livros de ensaio económico e político, teve também em diversas etapas da sua vida umha forte actividade militante. Foi membro, por exemplo, do comité central da UPG.

No decurso desta entrevista, manifestou: «A minha aproximação ao nacionalismo é por via intelectual e acho que é melhor ir pela via sensível, tanto na consciência nacional como na social». No entanto, a sua trajectória demonstra que ambas facetas tiveram e têm importância na sua actividade. **PÁGINA 3**



Galiza no XIV Festival mundial da Juventude e os Estudantes celebrado em Cuba

O XIV Festival da Juventude celebrou-se este verão com grande êxito no país caribenho. Contou, na sua organização e desenvolvimento, com o apoio de todo o povo cubano. Nas ruas, as gentes recebiam as delegadas e delegados como se se tratar de embaixadores. E eram embaixadores. Eram os que lhes iam contar aos cubanos e ao mundo como estavam os seus respectivos países e também os que, ao voltar, teriam que contar como está Cuba.

Este festival, o seu alcance, o seu entusiasmo, demonstrou que a juventude do mundo se resiste a entrar no fim da história: a rebelião e a esperança seguem convocando-os. Qual é o inimigo? Em cada país umha variante do mesmo panorama neoliberal, e nalguns países acrescentado: a dependência nacional. **PÁGINA 2**



6 de Agosto, a data da despedida e do encerramento do XIV Festival da Juventude

Galiza no XIV Festival mundial da Juventude e os Estudantes celebrado em Cuba

Um total de 12.335 delegados e delegadas de 132 países, em representação de mais de duas mil organizações, participaram em numerosos debates políticos, reuniões e outras actividades do Festival, animados pelo espírito da solidariedade anti-imperialista, a paz e a amizade. Galiza levou um Comité Nacional Galego. Participou como tal no desfile inaugural, no qual, conjuntamente com Euskal-Herria e Catalunya portou um cartaz com a legenda: "Contra o imperialismo espanhol / Pola liberdade dos povos / Galiza ceibe Catalunya lliure Euskal Herria askatu".

O Festival foi acolhendo, jornada tras jornada, as reivindicações dos diferentes países. Do caso galego conseguiu-se dar uma visão ampla. Da Galiza falou-se no tribunal Anti-imperialista, na Comissão de Direitos Humanos, na de Línguas, na de Ensino, etc.

Este Festival da Juventude realizou-se em condições muito diferentes das que existiam nas suas anteriores convocações. A sociedade que encontram os jovens de hoje rege-se pela unipolaridade e o estabelecimento de modelos neoliberais mediante o processo de globalização. Neste contexto produce-se um aumento da exploração, o desemprego, a redução dos orçamentos para educação e, nalguns lugares, incluso o analfabetismo. Nos múltiplos debates políticos celebrados, condenaram-se as agressivas políticas do imperialismo internacional, encabezado pelos EE.UU. as políticas de ajuste estrutural e as suas desfavoráveis consequências sociais para os povos de todo o mundo. Instaram-se as forças progressistas a fazer frente a isso, conquistar os seus plenos direitos e fomentar modelos substitutivos de sociedade.

■ Problemas dentro do Comité Galego

Aos poucos dias de chegar a Cuba o Comité rachou. A principal razão foi que uma parte do Comité quis proibir a outra falar dos presos e presas independentistas. Pretendeu-se impedir a utilização do nome da Galiza numa concentração a favor do traslado dos presos políticos. Os independentistas declararam que a outra parte não tinha sido nem sequer humanitária



Fidel Castro no encerramento do XIV Festival da Juventude

nesse tema. Tiveram que andar fugindo dos próprios compatriotas para explicar essas questões. Finalmente, falou-se da dispersão, do submetimento da Galiza e da sua resistência. Falou-se também de língua, sobre todo com portugueses, brasileiros, angolanos e timorenses, e escreveu-se em galego apesar da imposição da normativa "junteira" que o Comité levava.

■ Conclusões do XIV Festival da Juventude

O êxito desta edição conferiu um novo impulso ao movimento dos festivais, depois de cinquenta anos da sua criação e de oito da celebração da anterior edição em Pyongyang, RPD de Coreia. O movimento da juventude anti-imperialista continua a sua luta pela paz, a soberania, a livre determinação e a democracia dos povos. Contra o aumento do poder militar, os jovens comprometem-se a lutar pelos seus direitos políticos, económicos e sociais, sem esquecer a luta pela conservação do ambiente cuja destruição é necessário parar de maneira radical.

Os jovens denunciaram energeticamente a expansão da OTAN e exigiram a dissolução dessa aliança militar. Assim mesmo demandaram o fecho de todas as bases militares, o cese do comércio de armas, as proibições totais dos ensaios nucleares e a abolição destas armas, assim como das armas químicas e biológicas. Manifestaram a sua condenação às medidas extraterritoriais, ao bloqueio, aos embargos, à ocupação militar, ao terrorismo de estado e outras medidas agressivas adoptadas em contra de povos de todas as partes do mundo. Condenaram energicamente a posição dos Estados Unidos e da Coreia do Sul por tratar de impedir que os seus jovens participassem nesse encontro juvenil em Cuba.

Finalmente, os jovens reunidos este ano, expressaram o seu apoio à luta contra todo tipo de discriminações e manifestações fascistas, racistas, fundamentalistas religiosas e xenofóbicas. Apoiaram o carácter indivisível, universal e inalienável dos direitos humanos e condenaram as violações deles que se estão a produzir em diversas partes do mundo. Também em ocasiões de comemorar-se o trigésimo aniversário da morte em combate do Che Guevara, os participantes no Festival declararam o seu compromisso com todas as causas justas e com os explorados e despossuídos do planeta.

Este é só um resumo da declaração final do Festival, que tocou estes e outros temas de interesse para a juventude e também para os não tão jovens. Assim se desenvolveu e assim concluiu, com choros e abraços de despedida por parte das famílias que tinham acolhido nas suas casas durante uns quinze dias a todos os delegados e delegadas. O trato foi fabuloso e sempre amigável. O festival foi melhor do imaginado. Festas e concertos animaram o ambiente. Concertos da canção política com numerosos participantes em todos os idiomas e nacionalidades e todo o mundo entendendo a mensagem. Mais concertos, teatro, foros de debate, inauguração e clausura de um festival que nos faz crer cada dia mais na utopia.

breves PP, PSOE, BNG homenageam Garcia Sabel

O Bloco Nacionalista Galego BNG, por meio dos seus representantes na Câmara Municipal da Corunha, apoiou o nomeamento de Domingo Garcia Sabel, ex-delegado do Governo Central, como filho predilecto da cidade.

Num pleno celebrado o 15 de Setembro a Câmara corunhesa, por votação unânime, decide que o doutor Garcia-Sabel posui «méritos na defesa da nossa cultura» durante o seu mandato como presidente da Real Academia Galega.

Governo de Londres convida Sinn Fein

Mo Mowlam, ministra britânica para a Irlanda do Norte, reconheceu formalmente que o IRA tinha satisfeito «por palavras e acções» o período probatório de seis semanas respeitando o cessar-fogo. Esta foi a razão que deu para que, finalmente, o governo trabalhista de Toni Blair convide o Sinn Fein para as negociações sobre o Ulster. O Sinn Fein aceitou o convite, indo agora ocupar o seu lugar no processo de negociações patrocinado por Londres e Dublin. A segunda figura do Sinn Fein, Me Guinness, classificou de «histórica» a decisão do governo britânico. As negociações de Stormont, procuraram encontrar um consenso sobre uma fórmula de governo que satisfizesse, simultaneamente, adversários e adeptos da pertença do Ulster ao Reino Unido.

EZLN constitue-se em frente política



Membros do EZLN assistem ao seu congresso fundacional

Indígenas do movimento zapatista tomaram o Zócalo da capital mexicana no passado mês de Setembro. Com a ocupação do centro histórico e político do país, mais de 1.000 delegados zapatistas exigem o cumprimento dos acordos sobre os direitos dos indígenas. Tais acordos foram assinados a começos do ano 1996, embora ainda não fossem levados ao Congresso para legislar.

A chegada dos mais de mil indígenas ao Zócalo foi aclamada por 50.000 simpatizantes. Num comunicado, assinado pelo subcomandante Marcos e lido no Zócalo pela indígena Maribel, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) exigiu ao presidente Zedillo decidir entre cumprir os acordos de paz ou fazer-lhes a guerra dizendo: "que encha de balas o que não puido encher com razões".

O deslocamento dos zapatistas até a capital mexicana produziu-se em qualidade de delegados e delegadas para participar no Congresso de fundação da Frente Zapatista de Libertação Nacional (FZLN) convocada pela guerrilha com o objectivo de se converter em força política.

Pela sua parte, o negociador oficial para a paz em Chiapas, Pedro Joaquín Coldwell, afirmou que o governo de México cumprirá os acordos de paz negociados com a guerrilha de Chiapas e demandou "madurez" ao novo partido zapatista para que proponha "aspectos construtivos e não radicais".

Ramom Lopes-Suevos (Ferrol, 1943) é catedrático de Estrutura Económica na Universidade de Compostela. A sua trajectória política e intelectual está marcada pelo seu compromisso com o processo de libertação nacional. As suas aportações teóricas têm, objectivamente, o maior interesse do publicado nos últimos vinte anos dentro do panorama, cheio de lacunas, da produção teórica nacionalista. Suevos centra a sua obra em matéria político-económica, tendo sempre a Galiza um lugar de destaque. De entre os seus livros e artigos sobressaem:

- Para uma visão crítica da economia galega. (1975)
- Excedente económico e análise estrutural. (1977)
- Problemática nacional e colonialismo. O caso galego. (1978)
- Do capitalismo colonial. (1979)
- Dialéctica do desenvolvimento: Nação, língua, classes sociais. (1983)
- Portugal no quadro peninsular. (1987)
- O outro desenvolvimento. (1990)
- Socialismo e mercado (1992)

Ramom Pinheiro

Qual seria a tua valoración das organizações que conformam hoje o panorama nacionalista na Galiza?

Começando polo Bloco, dizer que hoje é mais um partido do sistema onde não se aprecia ideologia nenhuma. Centra as suas principais preocupações na sua boa imagem, desestimando qualquer política de gestos para com os nacionalistas. Não quer saber nada de conflitos e opta por um eslogan bilingue que não quer dizer nada, sem esquecer que apresentou a Melha às eleições europeias (não a pesar de ter sido do P.P., senão porque foi do P.P.).

A F.P.G. pela sua parte, tem a ideologia da velha U.P.G sem evoluir, sem adaptar-se às novas circunstâncias, ao novo contexto, e sem assimilar nada novo como por exemplo o reintegracionismo. Parece-me uma organização redundante e sem futuro.

Sobre a A.M.I., não me atrevo a falar porque não a conheço. O que valoro positivamente é que existe algo à margem dos partidos. De facto, nos últimos anos, as únicas coisas interessantes nasceram à margem dos partidos, desde o reintegracionismo até o movimento de insubmissos. É possível que aí se esteja a fraguar algo interessante.

Como ves a evolução do nacionalismo maioritário nos últimos anos?

Na U.P.G. de há vinte anos a relação da direcção com a militância foi muito mais democrática que a que está a ter hoje o Bloco. Queria-se ser um partido leninista (coisa que hoje acho está sobrepasada e superada por movimentos de base como os da América Latina ou Euskadi). Penso que hoje há que pular polo

«De facto, nos últimos anos, as únicas coisas interessantes nasceram à margem dos partidos, desde o reintegracionismo até o movimento de insubmissos»

pluralismo, a liberdade de opinião. Dentro do Bloco haveria que contrarrestar uma série de interesses pessoais e particulares.

A U.P.G. em concreto abandonou praticamente todo. Antes a gente estávamos no partido entregados para dar coisas, hoje está-se a recebê-las. Não se mudou no que se tinha que mudar: Uma concepção diferente do partido, do socialismo, do tipo de forças que há que aglutinar... Não tem um futuro. Podem ter futuro o Bloco e os postos de trabalho para todos eles, mas não há um nacionalismo que arranque de aí.

Uma das coisas mais interessantes a dizer do nacionalismo nos últimos anos é que quanto mais aumentam os votos menos se nota na gente, por exemplo na evolução da língua. Não é comunidade cultural. Sem língua não há nem cultura

Se volta a oportunidade, colherei as armas da dialéctica



nacional nem comunidade. Pode haver nacionalismo de outro tipo como o económico de Canárias mas aqui nacionalismo é defesa da língua e cultura galegas.

Tens escrito sobre as diferenças entre o colonialismo da periferia próxima e o da periferia distante como o de ultramar. Pode-se definir a Galiza como uma colónia próxima?

Desde logo há uma subordinação económica, uma opressão política e um esmagamento cultural total do país. Tudo isto está concatenado. Poderíamos-lhe chamar colonialismo versos europeia. Penso que a denominação é secundária mas, pela gravidade da situação, prefiro manter o término.

A que situação política deveríamos aspirar para a Galiza num futuro?

Opto pela independência total. Independência até para cedê-la ou para negociá-la. Na Europa

desde logo seria melhor ser um estado que uma região da Espanha. Irlanda por exemplo negociou muito melhor a sua integração na C.E.E. porque negociou como país, negociou o que queria e o que cedia, Espanha cedeu coisas galegas colhendo as que lhe convinham.

Por outra parte, há que primar por todos os meios a relação com Portugal por razões culturais, geopolíticas de contrarrestar as forças centrípetas e também por razões económicas. O que há que fazer é uma associação do tipo do Benelux com Portugal. Bélgica, Holanda e Luxemburgo decidiram estar na C.E.E. mas apesar disso privilegiam as suas relações mútuas. Nós poderíamos fazer o mesmo.

Há soluções para moderados e para radicais, o que não há são soluções para espanholistas.

Quais considera que são os passos a dar para a realiramação e expansão da

consciência nacional?

Haveria que centrar esforços nas empresas culturais. Não pelo culturalismo apolítico, não conflitivo, de tipo pinheirista senão pelo nacionalismo cultural radical. Os projectos culturais são o passo necessário para dar o salto ao nacionalismo. Este último hoje não o vejo possível. Se volta a oportunidade, colherei as armas da dialéctica.

Já para finalizar, como docente universitário qual é a tua valoración da Universidade Galega nos últimos vinte anos?

A universidade sempre foi um factor colonizador. Sempre o foi e segue-o sendo mas hoje em dia não se vê resposta. O alunado é cada vez mais conservador, está mais desgaleguizado e o pior é que isto não o vem como conflitivo. A universidade hoje está pior que há trinta anos. O ensino que se imparte nela é penoso. É em definitivo o reflexo das eleições. ■

Fazendo país com o próprio compromisso

Luitas vizinhas, insubmissos, estudantes, independentistas... pessoas que fazem país com o seu compromisso diário. Sempre pensamos que os problemas com a polícia lhes ocorrem aos outros, mesmo que só tem problemas quem os busca. Mas a realidade é que na Galiza tem problemas quem se move para defender o que é seu, quem exige os seus direitos, quem participa do poder estabelecido... a autora foca o problema da repressão do ponto de vista humano e social.

Lupe Cès

■ Marcos Ferradás, 21 anos, militante da Assembleia da Mocidade Independentista

Estuda na Escola de Canteiros de San Joán de Poio. "ainda que também há canteiros". Até o ano passado sempre viviu em Ourense, polo que essa pequena vila onde aterrou no curso 96-97, era toda novidade para ele. "Vivia numha pensom onde havia todo tipo de gente, o mesmo que na escola, mas como costumava passar quando vas estudar fora, tês que fazer amizades e ir situando-te pouco a pouco". A polícia começou a actuar com rapidez. Falou com o dono do bar onde parava sempre, com pais de rapazes com os que se relacionava..., informando-os da perigosidade da sua militância na AMI. "Com a dona da pensom foi o pior. Nom sei que demo lhe faldrom que me dixo que nom podia voltar por ali o próximo curso. Em Poio é a única pensom que há, polo que tenho que ir viver a Ponte-Vedra. Também sei que enirárom no meu quarto para registá-lo".

Em Ourense é um rapaz, muito conhecido. Marcos Ferradás agora tem 21 anos, mas foi aos 14 que começou a sua viagem polo independentismo. "Sim, no colectivo Meendinho. Por isso sempre estava afeito a estar entre muita gente. Quando te vês assim só, num sítio onde nom te conhecem, e a polícia pressionando a umhas pessoas que nom sabem nada de ti, das tuas ideias, do teu jeito de ser, das tuas relações..., fam-te sentir mal, cunha grande impotência. Naqueles momentos sentim muito em falha a casa, as amizades de sempre. Sim, sofres muito. Sentim morrinha de Ourense porque ali nom teria sido igual".

Nom pode evitar sorrir quando lembra a dona da pensom com a folha do Faro de Vigo, onde aparece ele numha conferência de imprensa com titulares de "Euskadi Conexión". "Mira, mira o que dim dele na imprensa - dizia-lhe a senhora a outro mozo da fonda -. A verdade é que nunca pensavamos que um simples autocolante fosse desatar tanta tempestade. O de Diz Goebbels foi um autocolante-bomba", e põe os olhos como vendo aqueles dias, sorrindo, ainda incrédulo de que



O estudiantado mais consciente e comprometido sempre contribue para fazer país

tudo aquilo passasse na realidade. ■ Alexandre Peres Fernandes, Insubmisso militante de Galiza Nova

Entre os mais de cem insubmissos na Galiza está Alexandre Peres Fernandes. Ainda que foi julgado e condenado no mês de Maio a 2 anos 4 meses e um dia de prisom, foi no ano 94 quando se fixo insubmisso. "Som estudante e tinha pensado esgotar todas as prorroas. Eu já me tinha decantado pola Insubmisom. Mas recém cumpridos os 21 anos enviáron-me umha carta do Ministério Espanhol de Defesa, para que me incorporasse a filas numha semana. Quando me equivoquei preenchendo umha solicitude de bolsa para estudos, chamáron-me e podem rectificar. Quando me equivoquei solicitando a prorroa com um ano de antelaçom, avisam-me umha semana antes para incorporar-me. Em sete dias tive que decidir".

"Ser insubmisso numha cidade como Ferrol nom é o mesmo que sê-lo em Compostela ou em Vigo. Lembra-te de quando o alcaide dixo publicamente que nom se retirava a estátua de Franco porque havia pressões dos militares? Eu mesmo na minha família tenho gente que está no Exército, como a maioria da cidade. A presença e influência sente-se a diáriu". Os medos e a pressom nom faltáron nesses sete dias, mas tampouco ao longo

destes três anos. "Nom vas poder fazer isto, nem aquilo... a família preocupa-se. Passas horas discutindo e aclarando o que pura ti é obvio e justo. Mas o que me indignou foi que desde o mesmo escritório de recrutamento do Concelho, intentáron convencer-me ponhendo-me medo com todo o que me ia passar. Esse colaboracionismo cego".

O dia do julgamento nom faltáron apoios familiares, de amizades e políticos. "Som de Galiza Nova e conseguíron-me um advogado que nom é de ofício". Ainda com os apoios, frentar um julgamento nom é prato de bom gosto. Acudir a outras vistas, conhecer a atitude do juiz, reconhece que lhe foi mui útil. "Todos os dias há algo que che lembra que tês umha espada pendurada em cima tua. Sei que podvir ao cárcere. O PP acelerou os trâmites para os julgamentos. Está endurecendo-se com todo o mundo. Os insubmissos neste caso nom vamos sofrer discriminações. Vamos ser reprimidos como o resto."

■ Roberto Reigosa, 20 anos, Independentista

"Amolou-me que tivesse que passar em tempo de exames". Roberto Reigosa, de 20 anos de idade. Vive perto de Mondonhede e há uns dias cumpurecia acompañado polo seu pai e a sua mãe u umha vista oral por desordens públicas e resistênci

à autoridade. "Só estávamos colando uns cartazes em Compostela, que é onde eu estudo. A polícia liou-no todo". Quando chegáron à sua casa, intentavam mostrar solidariedade com o seu pai. Um home muito conhecido e respeitado polo seu trabalho no concelho. "Ter um filho independentista apresentam-no como umha desgraça para a família. Ali no meio do monte onde vivo eu, se nom tês apoios na casa, ficas numha situaçom muito difícil. Carregáron-me o 25 de Julho. Negáron-se a chegar-me até o autocarro. Eu ali estou muito isolado e o que mais te queina é estares longe dos demais".

Nas vilas e paróquias pequenas, o facto de que vaia a Guarda Civil a umha casa marca muito. A gente conhece-se toda. Mas às vezes só basta com que se visite a taberna. É o centro social por excelência. Um uniformado comenta no bar que "o rapaz é bom, mas anda em más companhias...", "avisa o teu filho que nom ande com esse rapaz", e toda a paróquia queda inteirada. No caso de Rosa Vasques fôrom mais directos. A sua mãe tem um negócio e fôrom-lhe ali informála que tivesse cuidado com a sua filha, que estava "sendo seguida". "A minha mãe estava furiosa e assustada". "Eu já notava hui um tempo como pessoas de paisano desconhecidas para mim, seguiam-me às vezes. Um amigo meu, menor de idade, que foi le-

vado à comissaria polo seu pai, dixo-me que lhe ensináram fotografias minhas. Foi n que me decidi a pôr u denuncia diante do juiz. Nom pode ser que pola nossa actividade independentista fagami contra nós esta pressom. Fum-te sentir mal, como se estivesses fazendo algo indigno ou que tês que ocultar."

■ Mariano Abalo, Concelheiro da Frente Popular Galega em Cangas

Mariano Abalo já nom é novo. Leva toda a vida no nacionalismo, e já anos militando na FPG e como concelheiro em Cangas. Dos sucessos que se desenvolverom nesta vila no ano 89, ele, junto a três pessoas mais, têm que fazer frente a umha ordem de embargo de quase dous milhões e meio de pesetas. "Já me embargáron três mensuralidades da minha nómina de Correios. E este mês também me descontáron 70.000 ptas por applicaçom da Lei de Segurança Cidadã. Tenho mais dumha dúzia de expedientes abertos por esta causa. Há outros companheiros que estão pior. Mesmo têm pressionado a direcçom da empresa onde trabalham, ainda que polo momento sem resultado. Munolo Caamaño tem umha ordem de embargo de 11.300.000 ptas por via gubnativa, ainda que tem as mesmas acusações também por via judicial. Todo derivado da sua actividade sindical na luta dos marinheiros do Morraço."

Com o chamado "espírito de Ermita" e utilizando a solidariedade que sempre mostrou publicamente Mariano com o movimento abertzale, o PP intentou forçar a sua expulsom da coaligaçom que governa hoje o concelho de Cangas. "A tensom foi mui forte esses dias. Eu sempre recebim ameaças de todo tipo, sobradamente por telefone, mas esses dias estavam doentes por fazer-me saber que me iam matar. Eu vivo com o meu pai e a minha mãe que pudece umha enfermidade grave. Isso amolante, mas nom vou deixar de fazer o que fago e que considero justo. Máximo quando vês quem está buixo as siglas do PP, antigos falangistas, gente que assassinou e encarcerou a metade de Cangas... Nom se pode entender esta vilu, nem as processos que se dam aqui sem conhecer a históriu mais recente, o que sucedu aqui

em 36". Reconhece Mariano a falta de tempo e capacidade para afrontar toda esta pressom. "Está-se organizando uma campanha de solidariedade para fazer uma colecta a nível popular, também um festival... mas há tanto que fazer, estás em tantas coisas e tantos problemas!"

■ **Manuel Guedes, Membro e Vizinho da Coordenadora antiempacadora de Vila Boa**

A luta contra a empacadora levou a vizinhança, maioritariamente votante do PP, a um enfrentamento total contra este partido e máximo contra os seus dirigentes Cunha e Parada. "Estamos tranquilos, eles já perdêrom os papéis quando dixerom que nos iam meter a empacadora por colhões. Nós respondemos que a nossa oposição à empacadora não era por sexo, senão por sexo", Manuel Guedes, membro da Coordenadora Vizinha, mira com ilusão todo o que se faz em Vila Boa. Pensa que merece a pena porque nisso está o futuro de todas as paróquias do concelho. "Temas ao redor de 300 multas pendentes, de entre 150.000 e um milhão de pesetas. Da nossa parte há feridos e mesmo uma vizinha resultou com lesões de gravidade. Já vês, não somos bem recebidos nos actos do PP. Mas ainda pior que a dor física é a raiva e a impotência. Saber que tens razão e que che imponham pela força esta animalada! A zona está fortemente vigiada. Toda esta presença das guardas tem uns custos grandíssimos. A ironia é que o pagamos nós, como os nossos impostos. Como se pode malgastar assim o dinheiro dos galegos? Esta presença é cruel, é quase um estado de sítio. Mas em Vila Boa todo o mundo sabe que esta luta vamos-la ganhar". Da unidade e firmeza da vizinhança dá fé os cartazes que decoram cada leira, entre as leitugas, entre o milho... "Não à empacadora", "Não votes fascismo, não votes PP". "Nós temos a nossa unidade, e o seguro do monte comunal. Vamos fazer todo o que faga falta. Estamos preparados."

■ **Asier Rodrigues, 21 anos, militante de Estudantes Independentistas.**

Asier Rodriguez não sabia que quando participava num piquete das mobilizações estudantis de Dezembro do ano passado, ia

«Compre agora reforçar os fios da solidariedade, da resposta social frente à repressom. Porque cada problema, somado aos outros problemas, cada agressom somada às outras agressões, conformam a sintomatologia dum povo que pretendem afogar e luta por sobreviver»

acabar com uma acusação de "coacção e maus tratos" e uma multa de 315.000 ptas. "Estávamos na Faculdade de Medicina. Entrava pouca gente, professores e algum aluado. Um tipo enfrentou-se ao piquete. Acabou pegando-lhe a uma rapariga, eu empurrei-no. Logo veio a polícia e sinalou-me. Dava a casualidade de que eu não levava bilhete de identidade e leváram-me à comissaria para identificar-me". Este caso complicou-se quando ao dia seguinte na imprensa aparece a crónica do sucedido informando de que o único detido pertencia à organização AML e que não era estudante, tentando demonstrar deste jeito que as mobilizações de Dezembro nada tinham que ver com a Universidade. "Fui até o jornal com o resguardo da matrícula, perguntando quem escrevera aquela crónica. O jornalista bastante surpreendido afirmou que ele escreveu o que lhe mandaram. Todo isto confirmou-me a existência de fichas policiais ilegais. Eu fui levado à comissaria para identificar. Quando virom a minha suposta ficha inventáram o da acusação de maus tratos e coacções". A Asier também lhe tinham dito que havia fotos dele na comissaria. A detenção, as novas do jornal e a acusação confirmáram-lhe definitivamente. O dia dez de Outubro às onze da manhã será julgado, defendido por uma advogada de ofício.

■ **Professora e bióloga brasileira, 30 anos, emigrante.**

Prefere ocultar o seu nome nestas páginas da Gralha. Tem 30 anos, nada no Brasil. É mestra e falta-lhe uma disciplina para acabar Biologia, mas estas titulações não estão homologadas no Estado Espanhol. "Levo desde o ano 91 na Galiza. Regressando ao meu país quando se ia renovar a licença de turista. Desde o ano 95 estou numa



As manifestações operárias também são controladas e filmadas pela polícia

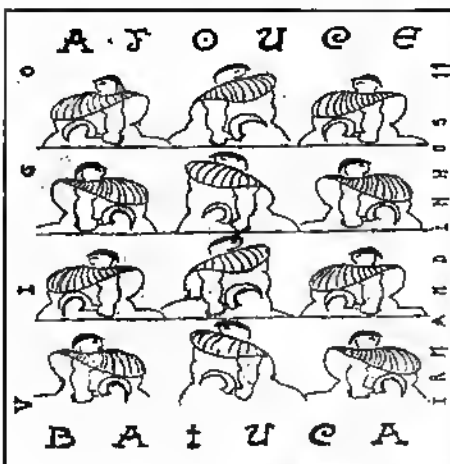
situação ilegal. Tenho solicitado a licença de residência mas até hoje não me concedêrom, e não existem razões para esta denegação pois como me dizem em CIG Emigração, reúnem todos os requisitos que exigem. Se regresso ao meu país fico fichada nos computadores e não posso regressar à Europa nunca mais". Ela não é uma imigrante por razões económicas, veio por estar junto ao seu companheiro que é galego. Alá tinha trabalho, casa, seguro médico... "Muita gente vem a Europa por necessidade, outra simplesmente pelo sonho. Na Galiza existia o sonho americano, ia-se fazer as américas. Viver longe da família, da tua Terra... é difícil. Eu tive sorte, aqui encontrei amigos e gente que me acolheu como uma família.

Influi também que na Galiza a gente é muito simpática e houve muita emigração. Isso ajuda a compreender a situação da pessoa imigrada. Mas às vezes tenho o passado muito mal nos aeroportos ou nas cafetarias. Cheiras o racismo. Se es branca, loira, de olhos azuis... passas comaturista. Se vês uma mulher preta que vem do Brasil, para a polícia já es prostituta. Tenhem-me perguntado no aeroporto, de onde sacava o dinheiro que levava. Entre as pessoas imigradas corria o conto que o antigo governador civil Vacas, botava a sortes os expedientes que ia aprovar e os que não". "Não se param a estudar cada caso, logo em cada comissaria dimitem dum jeito, confundem-te. Só os senhoritos podem andar dum país

para outro sem problemas, mesmo conseguem dupla nacionalidade. Os consulados para os pobres são uma arma mais de controlo. Não te podes fiar porque estão também para reprimir todo o que venha das antigas colónias pobres".

■ **Olivia Rodrigues, acusada de colaboração frustrada com o Exército Guerrilheiro.**

Olivia Rodrigues foi detida no ano 91 acusada de colaborar com o EGPSC. Passa seis meses em prisão e sai em liberdade condicional. Depois de julgada, é condenada a seis anos e, ainda que recorre a sua sentença perante o Tribunal Supremo, é encarcerada de novo. Recobra de novo a liberdade mas quando sai a sentença do Supremo rebaixando a sua condenação a 4 anos 2 meses e 1 dia, é levada ao cárcere da Corunha e posteriormente a Valladolid. Interpõe um recurso perante o Tribunal Constitucional, entre outras coisas, porque o delito pelo que foi condenada não existe no Código Penal (colaboração em grau de frustração). Quando o Constitucional admite a trâmite o recurso é posta de novo em liberdade. Em total vão seis anos de processamento, de detenções, de encarceramentos... por uma condenação de 4 anos, que mesmo pode ficar em absolução quando resolve o Constitucional. "O facto de estar presa é duro, não vou negar. Mas vas colocando a tua cabeça para afrontar essa situação. Sabes que vas ter que levar uma luta diária contra o sistema carcerário e constróis os teus próprios sistemas de autodefesa. Mas o mim parece-me mais duro a ter vivido estes anos em total incertidom, sem saber quanto ia durar a minha liberdade ou o meu encarceramento. Penso que aos meus filhos também foi o que mais lhes afectou desta situação. Estou falando no passado, mas isto não rematou. Estou aguardando pelo que resolve o Constitucional. Assegura Olivia que nunca se sentiu só nestes anos e que não lhe faltou a solidariedade". "Como consequência de todo o processo perdi o meu posto de trabalho. A insegurança da que che falei antes tens que acrescentar o insegurança económica, porque para viver da solidariedade também precisas um processo de adaptação". ■



16
o-dezaseis
• Casa de Xantar •
Rua de San Pedro, nº 16
15703 Compostela
Tel. (981) 57 76 33

afante

CANTOM DO S. BIEITO, 4
COMPOSTELA

A FOUCE

PERIÓDICO GALEGO

Os Nacionalistas galegos nom devem ir ao Parlamento

Pode-se dizer que desde o surgimento do nacionalismo galego, o facto eleitoral trouxe ao opiniões dos patriotas divididas decote em dous sectores: partidários da intervenção parlamentária e inimigos fechados da dita intervenção.

(....)

PERGUNTAS

E agora nós perguntamos: Que vam fazer estes bons patriotas com a sua representação popular pola Causa Nacional Galega? A sua imunidade parlamentária de que lhes pode servir à Causa Liberadora da Galiza?

Irám a Madrid dizer cousas mais terríveis que as que escuitou o Parlamento Espanhol da boca de Maciá? Ou é que pensam promover tais tumultos na Cámara que vam fazer voltar os olhos aos demais povos da Europa para obter umha ajuda internacional, ou siquiera umha simpatia que envergonhe o Estado opressor? Cuidamos que nom.

Se a Causa Nacional Galega nom adianta nada tendo os seus melhores homens no Parlamento, que vantagens se podem obter para a Galiza?

Vale a pena, que estes homens troquem umhas promesas de escola agrícola, estradas ou umhas códiás arancelárias (que nos servirá para que nos odeiem) polo rubor de ter que jurar respeito e fidelidade a umha constituição e a umhas autoridades que temem aferrolhada, opressa, e na miséria material e espiritual a Galiza? Cuidamos que nom.

RESPOSTAS

Mas por riba de todo, opom-se à intervenção dos nossos homens, nas Cortes Espanholas, a mais firme, invariável e pura ortodoxia nacionalista. Cando um povo está canso de pedir e pedir e nom o atenden - como no caso Galiza - à casa do inimigo nom se deve ir para nada; rompe-se toda clase de relação com ele e deste jeito dignifica-se um movimento verdadeiramente nacionalista.

Nenhum líder nacionalista em tempo de luta pola liberdade da Pátria debe dar a sua colaboração ao governo do poder central opressor. Em nenhuma parte do mundo ocorreu semelhante cousa.

Os deputados irlandeses do "Sinn Fein" nunca foram a Londres. A Londres iam os traidores de Redmon. Gandhi, aureolado de misticismo, tem escrito no seu Evangelho nacional: "Nom aceitaremos cargos públicos".

A obra mais perturbadora do Nacionalismo catalán, foi a política eleitoralista da Lliga Regionalista. A política eleitoral foi a que desviou e pervertiu o catalanismo. Corrupção interior e corrupção exterior.

O VIEIRO INTERIOR

Há que situar-se num vieiro interior, a ruta da nossa Pátria, de costas para Madrid e de cara ao Atlántico que é Cantábrico às vezes. Há que conquistar Galiza em lugar de pretender conquistar Madrid. Há que tomar posições na Galiza em vez de tomar bancas no Congresso espanhol. Nom devemos permitir que os nossos homens vão a Madrid; porque mentres alá estejam e a nossa atenção com eles, pode Madrid com os partidos monárquicos formar a retaguarda, caso este da Unión Monárquica Nacional Catalana. Jogada estratégica que sucede em todas as guerras.

É por isso que os galegos nom devemos ir a Madrid. Há que formar na Galiza um pleno ambiente nacionalista. Este ambiente chegará a asfixiar todos os contra-partidos galeguistas. Chegará um momento - momento de saturação patriótica - que o mesmo ar que respiram os afogará.

Porque é necessário intensificar o labor interior da Galiza, devemos opor-nos a que os nacionalistas vão ao Parlamento porque o dinheiro e as energias gastos nas eleições serão energias e dinheiro perdido para obra mais proveitosa, mais fecunda, mais eficaz, para a Escola Nacional Galega.

Mas isto da Escola Nacional Galega é tema para desenvolver no próximo número.

Ilha Couto

*Artigo do periódico «A Fouce» n.º 24, 17 de Dezembro de 1930, (na grafia foi adaptado a galego actual)

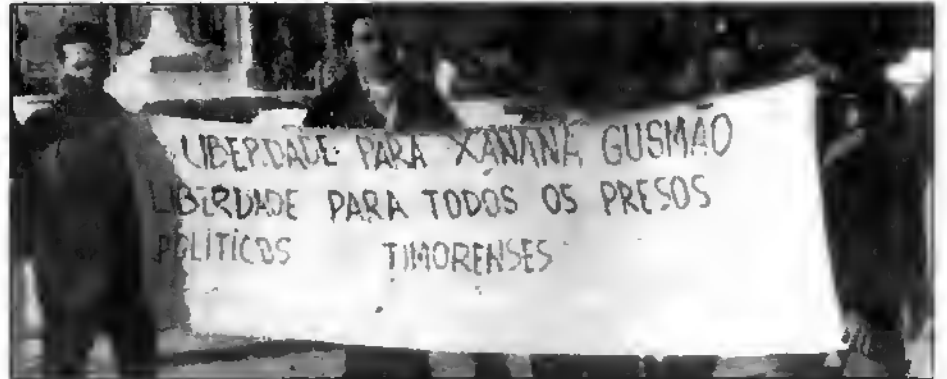
Negociações em Timor Leste

Negociar nunca é fácil

A Indonésia atravessa um período novo e conturbado entre eleições nom democráticas e desafios da sociedade civil (sindicatos e partidos nom autorizados, lutas operárias e estudantis, etc.). Sendo um regime autoritário e fechado, nom é fácil aos observadores definir as suas contradições e compreender que mudanças se avizinham. A percepção geral de que negociar nunca é fácil, crescentemente admitida em Jacarta, explica umha notícia muito recente: o presidente indonésio Suharto concedeu um permiso ao líder timorense Xanana Gusmão para jantar no palácio presidencial com o presidente sul-

africano Mandela.

Parecia estar instalado um verdadeiro ambiente de negociações, já que pola primeira vez todos concordavam: era necessário ultrapassar o «status quo». Mas a Indonésia deu a impressom de dar volta atrás. Recusou o pedido de Mandela de libertar Xanana Gusmão, tendo feito depender tal libertação de que se adiassem as conversas para o conflito mauver. O próximo encontro intratimorense realiza-se neste mês de Outubro em Viena. Pola terceira vez, os partidários da autonomia de Timor e os defensores da sua anexação na Indonésia discutirám o futuro do território.



Testemunha directa

Crónica apresentada por um jovem timorense de 19 anos, a quem durante muito tempo esconderam a verdadeira identidade, nas VIII Jornadas sobre Timor Leste da Universidade do Porto, celebradas em Julho deste ano.

«Chamo-me Tomás Alfredo Gândara, mas durante 15 anos chamaram-me Tommy Abdul Rahman. Nasci em Timor Leste a 15 de Junho de 1977 em Lospalos, de pais naturais desta terra; mas durante 15 anos disseram-me que era indonésio. Fui baptizado na religião católica, mas ensinaram-me que era muçulmano; tudo porque em 1979 os militares indonésios levaram-nos, a mim e à minha irmã, para Jacarta, tinha eu dois anos. Fui entregue a uma família de funcionários indonésios e a minha irmã foi levada para uma instituição social. Nunca me disseram nada sobre a minha verdadeira identidade, nem que eu tinha uma irmã na mesma cidade.

Em 1994, após anos de procura, familiares meus conseguiram informações sobre o local onde estávamos e um tio meu fez a viagem até Jacarta para nos dar as informações que nos tinham negado até à data.

Tommy Abdul Rahman, jovem indonésio de 17 anos, nom sabia quase nada sobre Timor Leste porque o governo indonésio não informa os seus próprios súbditos sobre a guerra que aí fomenta. Sabia que tinha um tio; ficou a sabê-lo através de um conhecido seu que tinha sido colega do seu tio na escola militar em Timor Leste. Tommy soube também que jovens da sua idade haviam morrido no cemitério de Santa Cruz em 1991, mas pouco mais...

Quando regresssei a Timor Leste fiquei impressionado pela pobreza dos timorenses, pela presença militar muito superior àquela que havia na Indonésia e, sobretudo, pelo terror que estes militares faziam pairar sobre a população.

O meu tio foi obrigado a apresentar-se todos os dias no KODIM (Comando Militar Distrital) e no Quartel dos Nunggalas (Forças Especiais) em Lospalos para responder a interrogatórios. Os interrogatórios duravam três horas, no fim das quais lhe diziam para se apressar no dia seguinte; isto repetiu-se todos os dias durante dois meses. Falando com diversas pessoas, incluindo timorenses que em 1979 estavam nas forças militares indonésias, fui sendo informado sobre os meus pais e contaram-me que haviam sido capturados em 1979 (10 de Junho). A minha mãe, Felicidade Lopes Gândara, ex-aluna de Medicina em Portugal estava grávida. Faltavam umhas semanas para o bebé nascer quando foi morta em Home, distrito de Lospalos, no dia 11 de Junho de 1979, pelos militares do Batalhão 745. Mataram-na com golpes de baioneta na barriga. O meu pai, Vitor dos Santos Gândara, que havia sido separado da minha mãe após a captura, foi morto em Loré em condições que eu nom consigo esclarecer».

OS MERENDONHAS



lexico-grafando

Eleições

Dada a proximidade das eleições autonómicas, que talvez devéssemos chamar nacionais, embora fiquem excluídas delas as comarcas orientais do país, trataremos nesta ocasião o léxico que lhes diz respeito.

Meeting ou *mitin* (na sua adaptação ao castrapo co-

cidente com o espanhol) é anglicismo desnecessário. Esta palavra originariamente significava "reunião ou encontro". Em galego devemos usar *COMÍCIO*, que provém do latim *comitium* "lugar de reunião". Consequentemente, *comício* não será sinónimo de eleição, mas de arenga.

As investigações que visam averiguar a intenção de voto, com que os jornais nos bombardeiam em época eleitoral, e que raramente atinam, denominam-se *SONDAGENS*. A *sondagem* é elaborada através de *INQUÉRITOS* realizados a um conjunto de indivíduos que se supõe representarem a totalidade do eleitorado. A palavra *enquisa* é medievalismo que tinha o significado de "testemunha". Devemos preferir *sondagem*, por ser a palavra própria do galego moderno tanto em Portugal como no Brasil.

No dia das *VOTAÇÕES*, um depois do *ENCERRAMENTO DA CAMPANHA*, os *ELEITORES* exercerão o seu *DIREITO DE VOTO* depositando as listas na *URNA*. O facto de ser na urna onde se decide a composição do Parlamento não deve levar-nos a confundir-la com uma furra ("gruta, caverna"), como acontece a certo semanário nacionalista. Na realidade tam pouco têm a ver a urna e a furra como o útil e o fútil.

Terminado o *ACTO ELEITORAL*, terá lugar o *ESCRUTÍNIO* dos votos. Finalmente, um dos candidatos *TOMARÁ POSSE* perante o Parlamento no *ACTO DE POSSE*. O Presidente eleito nomeará a seguir os membros do seu governo que se farão responsáveis pelas diferentes *PASTAS*, que é forma figurada de designar os Ministérios ou, no nosso caso, as Conselharias.



Umha actuación no II Félix Rock. Os concertos tiveron lugar entre o 31 de Julho e o 4 de Agosto em Vigo

música

Umhas férias requintadas de som

Estas férias do verão fôrom o início de umha série de eventos lúdicos e musicais que marcarão um pouco o futuro do mundo da música no país. Por um lado os espectáculos musicais propriamente ditos: os festivais «Erva e Som», «Cerceda 97», «Santi Rock», «Além Galiza», «Félix Rock», «Festival do Mundo Celta de Ortigueira», «O Moronhó» de Pontedeume, «O rock no caminho» de Palas de Reis, a celebração dos dez anos do «Cidade Velha» em Compostela, «Pardinhos», a «1ª Foliada Folk de Lalim», os Intercélticos de Moaña e Corunha, etc...; e por outro lado os acontecimentos lúdicos nos que tem um grande peso o factor musical: Festa dos Botes em Arçua, diversos concertos nas festas do Cristo em Vigo, Festa da Carne e Rapa das Bestas na Estrada, da Empada em Bandeira, «Festival Irmandinho» de Moeche e milhares de pequenos concertos polo país, para além dos patéticos «Terra's únicos de D. Manuel».

Muitos ficaram no tinteiro. O dito leva a várias conclusões: Pode que se chegue a umha saturação no número de eventos musicais? Não sei. O que si sei é que a própria dinâmica porá no seu lugar os bons festivais e terminará com a pouca profissionalidade de outros. Valem-lhe de algo este número de festivais aos grupos galegos? Ao mundo do folk e à música tradicional galega si. O resto de grupos têm de se conformar com opções como o «Além Galiza» onde si se expujo o melhor do rock galego do momento, o «Santi Rock» ou pequenos concertos polo país. Sem cairmos em muitos elogios no que à organização diz respeito.

O certo é que se marcou um antes e um depois, e os erros cometidos por parte das organizações serão remediados criando-se assim um circuito comparável a qualquer outro do Estado. Isto vai acompanhado de um início prodígio em material discográfico para o verão: novo disco de Chouteira, primeiro disco dos Túcaros, Zénzar, Fame Neghra, José Manuel Budinho... bem como a visita de grandes bandas: Shooglenifty, Värttinä, Gwendal, Joxe Ripiau, Skunk, Enemigos, Brigada Vitor Jara, etc...

Parabéns a todas as pessoas que trabalharam sem descanso este verão nos eventos musicais com a ideia de criarem um espaço de entendimento e intercâmbio musical do nosso país e dos que nos visitaram.

Senem

janela da língua

Hunha hovra vásika pra ha normalización

Ha puvlikación katrilinje (portuges, hespañol, kastrapo he hinjlés) do "ANUARIO ESTATÍSTICO GALICIA-NORTE DE PORTUGAL" konstitue hunha kontrivuzión dezisiba pra normalizar ho jalejo na hárea das Zienzas Soziales, honde ten prendido kon forza ha herba ruin do rintejrazionismo. he hakavar de bez kó mito de ko jalejo hé portuxés, kando non cheja ha dialeto do hespañol.

Hantre hos múltiples lusismos ke se kolaron suvretizamente no jalejo, he ke hesta hobra korrixo hazertadamente, salientaría haljuns koma ho de chamar "desempregado" ha ken karece de "emprego" kando debe dicirse "parado", por muito ke se moba, hou "empregado" ha ken ho ten, kando hé hun "ocupado" hanke soio se hokupe de kovrar. Outros koma "Finanças" pra dicir "Presupostos", ho ke presupon ke "Orçamento" tamém hé incorreto, hou "Taxa de variação anual" ke debe traducirse koma "Crecemento interanual porcentual", has "Prestações da Segurança Social" koma "Importe Total das pensións", hos "Pensionistas por invalidez, velhice e sobrevivência" koma "Pensións en vigor, segundo clases" he has "Reses abatidas e aprovadas para consumo" por "Producción de carne por tipoloxías". Has empresas "com sede na região" deben chamarse "situadas na rexión", hos "hóspedes", ainda que se hospeden, "viaxeiros", ha "População residente, "Poboación de Dereito" hanke non sexan habojados, he ha "Construção nova", "Obra de nova planta", ke ten muito mais henskap.

Non hé preziso hestenderse sovor das hinstimavles haportazions de hesta hobra hinprescindible pra kantos keremos konserbar has hamviedades, hekibokos he hinprezisiões do hespañol koma hinsustituivles hamvibalenziás vilinjues hou vífidas ke henrikezen ho jalejo PORQUE NOS INTERESA ESTE PAÍS.

Konstantino Graphia

Prémio Literário Internacional, Agostinho Neto

O MPLA angolano promove o «Prémio Literário Internacional Agostinho Neto», admitindo obras até 31 de Junho de 1998, prémio em metálico de 30.000 dólares.

O concurso tem carácter bianual e integra o género literário ensaio. Interessados escrever para Gralha ou

também se pode contactar directamente para o:

Comité Central do MPLA
Centro de Documentação Histórica
Rua Ho Chi Min
Luanda, República de Angola

e também...

Grupo de Libertação Homossexual

O grupo ourense LH anuncia o seu nascimento. A criação do grupo

Libertação Homossexual responde à pretensão de lutar pelos direitos dos homossexuais. Umha nação livre deve respeitar os direitos sexuais das pessoas. Grupo LH. Apartado 343. 32080 Ourense

Na número anterior o artigo intitulado «Emprego e desemprego, o problema é nosso» assinado por Lupe Cês. Tinha dois erros: onde apareceu "máxima anual" tinha que dizer "máximo histórico" e onde propunha "contratos eventuais" em realidade deveria por "contratos indefinidos".

«Caravane des quartiers», virá a Compostela



Beatriz Árias

A finais dos anos setenta, os habitantes mais jovens dos bairros de diferentes cidades da França mobilizáram-se para lhes dar algo de vida cultural. Associáram-se para acções de alfabetização, animação cultural e desportiva. Esse é o primeiro germen da Caravana. Após anos, chegaram a construir um projecto fundado em sólidos laços humanos. Trabalho voluntário e altruista, amizade e diversão assegurada constituem os eixos da Caravana. Os bairros que a têm visto passar, às vezes com ajudas institucionais e às vezes sem nada, têm desfrutado de espectáculos onde vêm parte da sua cultura autóctone, pois som geralmente bairros de imigrantes.

Foi sobre todo a partir de 1995 quando se produziu o salto mais forte e Caravana consegue reunir, haixo as suas três carpas, a maior variedade de oferta cultural: um circo equestre, concertos, teatro, dança urbana, exposições, conta-contos, espectáculos infantis, debates... Mui importante foi também o acordo conseguido com a fundação "Abbé Pierre" em 1996 para o programa "Quartiers ouverts", que veio reforçar o caminho ini-

ciado, contribuindo estabilidade ao projecto.

Quisá o segredo do êxito esteja em que a Caravana é um espaço multirracial, onde o conceito de cultura responde aos próprios desejos e gostos da população, baseando-se numa procura previamente existente. É o lugar da mistura, da mestiçagem. Caravana é capaz de fazer emergir uma cultura profissional e de qualidade no dia a dia dos bairros, precisamente porque é uma expressão dessa mesma gente que os habita. Mas o maior dos logros da Caravana é saber conjugar perfeitamente a mais absoluta liberdade de expressão com o facto de que ninguém se apropria do projecto. Artistas e convidados sempre puderam expressar as suas ideias musicais, artísticas, sociais e políticas sem qualquer problema.

Lyon, Galiza Tropical

De 27 a 31 de Agosto tivo lugar em Lyon mais uma etapa da Caravana. As actuações do circo equestre Les Chevauchers, acompanhados polos oito músicos da Bande à Jojo, repetiam-se diariamente. Um espectáculo puramente circense: show dinâmico com cavalos e música ao vivo. O teatro tivo o seu dia

A «Caravana dos bairros», convidou a Gralha e alá fomos. Formamos parte da expedição galega a Lyon. Fôrom quatro dias de Agosto, de convívio, de música e de amizade. Um projecto multicultural e multirracial onde se misturam música, circo e as mais diversas manifestações artísticas.

A «Caravana» estará com nós em Julho de 98, coincidindo com o mundial de futebol. O lugar elegido é Compostela.

grande na sexta-feira 29 onde o grupo Générík Vapeur, saindo-se do recinto da Caravana, invadiu o bairro des États-Unis com uma orquestra acima dum camião, foguetes e hidões, apresentando um espectáculo de conceição futurista e pós-nuclear. No sábado Terry O'Neill, o cantor mais popular de West Belfast, acompanhado de quatro músicos, interpretou um folclore que procede "do mais fundo de um povo que ansia a liberdade e está farto de viver debaixo dos helicópteros e os tanques britânicos". Também no sábado, o bairro dos États-Unis congregou-se maioritariamente debaixo da carpa grande para ver a cantora argelina Zahouania. Podia-se observar gente de todas as idades que não cabiam para ver a estrela de estilo "rai", uma música muito conhecida por tratar-se de um bairro onde a emigração recebida é precisamente quase toda argelina.

A quinta-feira 28 foi o dia da expedição galega. Organizado com muita ilusão por Manu Chão, o programa intitulado «Galiza Tropical» incluía os Diplomáticos, Pinto de Ervom e Josefa a pandeireira. Manu incluiu também dois grupos não galegos, nos que predominam diferentes tipos de percussão, música pola que mostra uma clara preferência. Os Diplomáticos apresentáram-se com forças renovadas, rachadores com três pandeireiras e um bombo acima do cenário; fizérom dançar e saltar o numeroso público enquanto Pinto de Ervom repartia queimada e explicava o famoso esconjuro entre os que se achegavam a perguntar e degustar "l'eau de vie". Lumbalu, grupo de percussionistas excelentes com canções tradicionais

colombianas, fôrom os que abrirom a noite com o som dos tambores em estado puro e o original jeito de tocar as maracas. Amparanoia, um grupo madrileno com um excelente som e uma jovem cantora, Amparo, transmitiu boas vibrações e muita amizade. Ao fim da noite acabamos numa discoteca onde dois DJ's, Manu Chão e o brasileiro Wagner, oferecérom uma noite cheia de tambores, pachanka e ritmos brasileiros e africanos. O incrível e apoteósico foi quando, fora de programa, e como despedida na noite seguinte, se organizou numa das carpas a Batueada. Nela, os membros dos grupos citados (pandeiretas, maracas, tambores afro-americanos, o bombo dos siareiros galegos e demais espontâneos) armárom a maior festa que se tenha visto. Percussões duras da África e da América, que som a base rítmica da Caravana, complementáram-se muito bem com as nossas e fizérom dançar o auditório a noite toda. Sem dúvida o melhor foi o convívio e a participação, ninguém se pôde sentir excluído.

O que em Lyon aconteceu, terá a sua continuação e ampliação na Galiza, aonde se trasladará muitos dos espectáculos citados. Serán as Noites do Futebol ou Futebol Clube 98 em Compostela no verão do próximo ano, coincidindo com as datas do campeonato mundial de futebol.

O programa está ainda por definir, mas a mistura de Manu Chão, gentes de Caravana e galegos e galegas trabalhando no projecto asseguram desde já o melhor sucesso, do que será sem dúvida o espectáculo do ano. ■

Manu Chão amigo da Caravana

Manu Chão, ex-Mano Negra, alcunhado muitas vezes entre os franceses como "La Mano" é o grande amigo da Caravana. Dixo-nos que foi também um amigo seu, Wally, quem lhe tinha falado muito do projecto Caravana. Este moço, infelizmente morto no ano 1991, desejava que o famoso conjunto Mano Negra fizesse uma tournée polos arrabaldes das cidades francesas, "E figemo-la, di Manu". Num bairro de Mantes foi onde eu conheci a Madani e a Caravana em geral. Uma corrente muito positiva surgiu logo por ambas as partes, de maneira que continua até hoje. Para mim, estar na Caravana é uma alegria, uma sorte. Além disso, como eu viajo muito, a México e a outros lugares, contacto com gentes "super" e depois fago o possível porque essa gente conheça a Caravana ou bem que esta se desloque com os seus espectáculos pelo mundo adiante". Manu sorri: "Também, na Caravana todo o mundo faz festa". O rosto ilumina-se-lhe quando lhe falamos do ano próximo em Compostela:

"Uma Caravana na Galiza... Isso pode ser fortíssimo!!! Alá eu vou ter que me implicar a fundo. Já vivim esse género de aventuras, como o Cargo na América do Sul, porexemplo. Mastenho verdadeira vontade de realizar neste caso a aventura com os meus irmãos. Claro que eu confio muito na gente da Caravana que se vai deslocar alá, conto com eles, som a base do projecto". Lembramos-lhe também a Manu o projecto do que nos falou quando esteve aqui, no Entruido deste ano, a Feira das Mentiras para o fim do século. Quem nos falou da lenda do Super Chango, esse deus rebelde de espírito libertário que lhe inspirou a ideia de fazer na Galiza uma grande feira, desfiles pelas ruas e concertos? Foi ele, Manu.

"O ano 2000 fica muito longe para mim. A Caravana é algo que puxa, como uma criança, não se sabe se chegará a campeão de futebol, se se irá à "meca", fará estudos ou não... Eu só sei que vou intentar com todas as minhas forças que a Caravana seja algo magnífico". Nós insistimos sobre a feira das mentiras e ele, sempre com ar simpático: "Há que dar-se conta de que as coisas grandes não se fazem de repente. Há que continuar com sucessivas caravanas para reunir ainda mais gente interessante que possa participar no projecto. Ir de pouco a mais".

dixo-me...dixo-me



Que, a CIG depois das últimas resoluções do seu congresso a respeito da língua, segue condicionada pelo poder económico da Junta, e assim organiza cursos de Castrejo em colaboração com a Direcção Geral de Política Linguística: Dinheiro munda. Na folha de inscrição para o curso figura «Galicia», em espanhol. Fala com eles no tel. 981- 564300.

Que, numa manhã deste verão e no programa televisivo «A Praça da Alegria» na RTP1, estava um galego a falar em nome da Galiza, relatava o seu grande amor para Portugal, e disertava sobre cultura e costumes portugueses. Este elemento era D. Manuel Fraga e todo o que dizia fazia-o em espanhol, e como máximo representante da Galiza. Assim estamos.

LIVRARIA
A CENTÚRIA

LIVRO ANTIGO E DE OCASION

Mercamos os teus livros usados.
Valoramos bibliotecas completas

R/ LEPANTO, 10 (a 30 m. da catedral)
Tfno.: (988) 22 97 75
OURENSE